

## GÊNERO E ARTE EM EDUCAÇÃO: IDENTIDADE E MEMÓRIA NA NARRATIVA DE ARTESÃS E PROFESSORAS

**DEL PONTE, Tatiele Rodrigues; EINHARDT, Mari Elisa Spiering; SILVA, Márcia Alves da; MEIRA, Mirela Ribeiro**

Pesquisa financiada pelo CNPq. Iniciação científica.

Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Educação. Curso de Pedagogia.

[tatiele03@bol.com.br](mailto:tatiele03@bol.com.br);

[marielisase@hotmail.com](mailto:marielisase@hotmail.com);

[prof.marciaalves07@gmail.com](mailto:prof.marciaalves07@gmail.com);

[mirelameira@gmail.com](mailto:mirelameira@gmail.com)

**Resumo:** Nosso texto se refere a uma pesquisa que temos encaminhado e que tem como objetivo investigar o processo de construção das identidades de gênero a partir do resgate de memórias de mulheres artesãs. Fazem parte da investigação um grupo formado por mulheres vinculadas à uma cooperativa artesanal localizada na cidade de Pelotas/RS e acadêmicas do curso de Pedagogia da UFPel que produzem artesanato. Nossa investigação busca estabelecer uma aproximação entre ambos, tendo o artesanato como um vínculo em comum. Levantamos as seguintes questões: a artesanaria pode ser uma ferramenta para um processo de emancipação feminina no que se refere ao mundo do trabalho? Em que medida a arte contribui para um processo de construção de sentidos, resignificando as práticas que já desenvolvem? Nossa proposta se coloca na tentativa de trazer uma contribuição a esse debate, problematizando o mundo do trabalho feminino a partir da implementação de oficinas de criação coletiva.

**Palavras-chave:** arte-educação; artesanato; gênero; narrativas; identidades; memória.

### Introdução

O presente trabalho se refere a uma pesquisa<sup>1</sup> que temos encaminhado e que tem como objetivo investigar o processo de construção das identidades de gênero a partir do relato de vivências de mulheres artesãs no mundo do trabalho, basicamente do trabalho artesanal. Dois grupos de mulheres tem feito parte da investigação: um grupo formado por mulheres artesãs vinculadas à Cooperativa de Economia Solidária do Sul (COOPRESUL), localizada na cidade de Pelotas e ainda, acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) que produzem artesanato. Nossa investigação aborda as trajetórias de vidas das mulheres pertencentes aos dois grupos, estabelecendo uma aproximação e um diálogo entre ambos, tendo o artesanato como um vínculo em comum.

Pode-se afirmar que as mulheres realizam uma dupla jornada de trabalho, tanto produtivo como reprodutivo. Produtivo enquanto jornada pública de trabalho, assalariado ou não, e ainda a jornada privada de trabalho reprodutivo nos lares (AMORÓS, 1994; LAGARDE, 2005). Apresentamos o artesanato, como um elemento constitutivo desse

---

<sup>1</sup> Pesquisa denominada “Artesã e Professora: aproximações entre trabalho feminino e docência”, financiada pelo CNPq.

espaço, geralmente, um trabalho executado no limite do doméstico. A pesquisa se coloca na tentativa de trazer uma contribuição a esse debate, buscando problematizar o mundo do trabalho feminino, a partir de uma aproximação da teoria feminista com a concretude das experiências de mulheres artesãs de diversos grupos. Salientamos Helena Hirata (2002, 2007), Danièle Kergoat (2003, 2007) e Cristina Bruschini (2000, 2007) como autoras importantes, tanto na construção do conceito de divisão sexual do trabalho como também por desenvolverem abordagens sobre o trabalho feminino que colaboram em nossa investigação.

Para isso, o referencial teórico-metodológico adotado no que se refere ao processo de coleta e tratamento das memórias é o das histórias de vida, mais especificamente da corrente denominada pesquisa-formação, tendo como principal referência a contribuição da obra de Marie-Christine Josso (2004), que propõem a realização da pesquisa de forma coletiva e a presença da figura do(a) pesquisador(a) como participante da pesquisa, de forma que nessa experiência as pesquisadoras também estão se pesquisando. Dessa forma, o processo de pesquisa nessa perspectiva pode se constituir em uma oportunidade para se refletir sobre nossa trajetória, na expectativa de se projetar o futuro, tanto do grupo como individualmente.

Além disso, a iniciativa buscou construir um espaço de produção artesanal, onde as memórias são resgatadas não apenas a partir da oralidade, mas também na produção concreta do artesanato, de forma coletiva e solidária, através do que denominamos de Oficinas de Criação Coletiva.

A proposta desta investigação visa contribuir para um processo emancipatório das mulheres pesquisadas, no qual as narrativas das vivências e memórias das mulheres em questão tem permitido o diálogo entre diferentes perfis de conhecimento, onde a relação entre saber científico e saber popular não se sobrepõem um ao outro, mas complementam-se nas suas especificidades.

### **Aproximando gênero e arte**

No caso de nossa investigação podemos levantar a seguinte questão: O trabalho artesanal pode ser uma ferramenta para um processo de emancipação feminina no que se refere ao mundo do trabalho? Em que medida a arte contribui para um processo ético-estético de construção e qualificação de sentidos profissionais e existenciais, resignificando as práticas que já desenvolvem? Portanto, essa proposta se coloca na tentativa de trazer uma contribuição a esse debate, buscando problematizar o mundo do trabalho feminino, a partir da implementação de oficinas de criação coletiva, partindo da concretude das experiências das mulheres artesãs envolvidas na pesquisa citada anteriormente.

A educação em arte constitui-se num fazer complexo. Trata-se de uma produção simbólica humana carregada de valores, o que implica em pensar a natureza do humano que somos. O que induz à perspectiva de que as formas, processos, imagens, produções e movimentos resultantes das Oficinas de Criação podem ser possibilidades de aprendizagem, afeto, (in)formação.

A partir dessa perspectiva, propomos a união entre arte e educação, na figura de uma educação estética que, através da arte e seus processos, abre possibilidades para as abordagens autobiográficas e de criação coletiva aflorarem no próprio processo de produção. Dessa forma, as oficinas de artesanato e criação coletiva se constituem em espaços de troca de experiências, a partir da compreensão entre os envolvidos dos seus próprios processos de aprendizagens com a ressignificação de suas práticas existenciais e profissionais. Nesses encontros, buscamos a abordagem de suas histórias de vida, a partir de relatos que surgem nos encontros.

Partindo deste desenho, engendramos a coleta de depoimentos das mulheres envolvidas através de uma categoria metodológica criada para este fim, as Oficinas de Criação Coletiva, realizada no espaço da Universidade, onde, coletivamente, trocamos experiências e aprendizagens. Estimula-se a criação de um grupo afetivo de convivência onde o prazer dos sentidos e a criação não são privilégio da arte, mas da vida e sua “conjunção sensualista”, que lhe confere “unicidade”, composição entre razão/ emoção”, anota Maffesoli (1996, p. 74). Portanto, considera o prazer, o prazer “de sentir”.

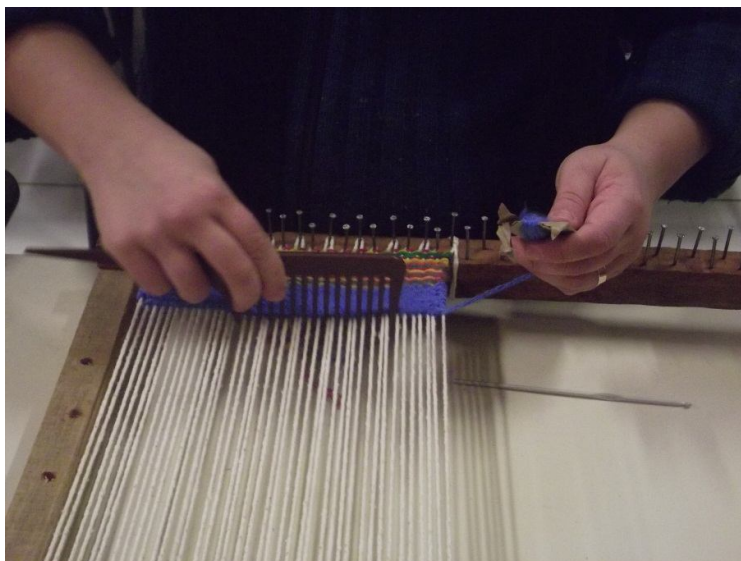


**Figura 1:** Nossos teares. Oficina de tecelagem do projeto "Artesãs e professora: aproximações entre trabalho feminino e docência". (Acervo do projeto - imagem obtida na oficina realizada no dia 16/06/2012)

Nessa investigação buscamos desenvolver processos pedagógicos através de metodologias criadoras, para garantir processos estéticos, artísticos e criadores enquanto abastecedores e/ou enriquecedores das interações sociais, docentes e discentes na área da arte e educação. Nessa perspectiva buscamos ainda promover a circulação de saberes e a revitalização dos envolvidos, instrumentalizando-os, a partir de suas práticas, a trabalhar com materiais alternativos e criar novos, para qualificar o trabalho que já realizam, compreendendo e enriquecendo seus próprios processos; ampliar os referenciais artísticos, atendendo demandas formativas, informativas, de criação, experimentação, reflexão, troca de saberes e compreensão pedagógica da cooperativa e das alunas do curso de Pedagogia participantes da pesquisa, através de Oficinas de Criação Coletiva e Seminários de discussão; e ampliar os referenciais de gênero e trabalho feminino, a partir da aproximação do tema artesanato e gênero com o grupo.

MEIRA (2007) aponta que a principal característica pedagógica das Oficinas seria possibilitar metamorfoses para imergir nas situações, sentir-lhe as tensões, as vibrações, os silêncios, os fluxos vitais, muitos deles não captáveis desde a razão ou sob códigos e explicações convencionais. A única regra é o respeito ao contato sensível com as matérias e os humanos em suas imanências, e figurar o que se manifeste no cotidiano, nas vidas dos participantes. Assim, se pode almejar sermos mais criativos, podendo melhor construir projetos de cidadania, cuidado, atender às suas mais diversas necessidades. E, a partir de si, provocar a criação no outro.

A expressão criadora visa problematizar a realidade, desmontar os saberes e soluções únicos, “batidos”, gastos, e recriá-los sob uma ótica mais solidária. Isso passa por reinventar práticas e sentidos que melhor deem conta de cuidar de si, do outro e do processo de trabalho, o que demanda desenvolver a sensibilidade para auxiliar a (re)construção das histórias de vida pretendidas pelo processo.



**Figura 2:** Mãos que tecem. Oficina de Criação Coletiva/ Tecelagem do projeto "Artesã e professora: aproximações entre trabalho feminino e docência". (Acervo do projeto - imagem obtida na oficina realizada no dia 03/06/2012)

Na vida social a criação coletiva é uma espécie de matéria viva de uma obra de arte primordial, que transforma a estética da existência em uma ética do *estar-junto-com-os-outros-no-mundo*. A estética adquire essa dimensão ética a partir de um experimentar em comum, que pode criar “*uma obra de arte: a vida social em seu todo, e em suas diversas modalidades*” (MAFFESOLI, 1996, p. 28). É dessa forma que compreendemos as oficinas de criação coletiva que a pesquisa tem implementado.

### **Considerações finais**

Na pesquisa que temos encaminhado percebemos que as narrativas sobre a aprendizagem artesanal tem cumprido o papel de desvelar as trajetórias de vida das mulheres envolvidas, tanto nos espaços públicos como privados. A imensa maioria aprendeu o artesanato inicialmente na infância, nos espaços domésticos e vinculado fortemente às relações familiares.

Dessa forma, há todo um desvelar desse espaço e desse período de suas vidas, tão importante na constituição de suas identidades e na formulação da aprendizagem dos papéis a serem exercidos na fase adulta. As figuras femininas (mães, avós) são majoritárias na implementação desse tipo de aprendizagem, que aparece atrelado à aprendizagem dos papéis femininos.

Ao longo das trajetórias de vida das mulheres investigadas, o artesanato produzido tem extrapolado o espaço doméstico e ‘invadido’ o público tornando-se, inclusive, fonte de

renda para várias (especialmente para as cooperadas). No que se refere às alunas, o artesanato apareceu mais timidamente assumido como fonte de renda, mas, em vários casos, esse material produzido por elas tem transitado na academia gerando venda.

Enfim, são diversas histórias de vida que visibilizam trabalhos femininos, no qual o artesanato tem tido papel de destaque. A pesquisadora mexicana Marcela Lagarde (2005) desenvolve uma categoria que é bem apropriada para essa discussão, que é a categoria de 'madresposa', que sintetiza muito bem o papel social exercido pelas mulheres, em grande parte girando ao redor da conjugalidade e da maternidade. Nesse contexto, tão vinculado ao espaço doméstico, encontramos o trabalho artesanal, enquanto atividade 'invisível' e, como vimos, desvalorizada socialmente.

## Referências

AMORÓS, Cèlia. *Feminismo: igualdad y diferencia*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994.

BRUSCHINI, Maria Cristina. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 537-572, set./dez. 2007.

\_\_\_\_ ; LOMBARDI, Maria Rosa. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 110, p. 67-104, jul.2000.

HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.

\_\_\_\_ ; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, Marli; et al (orgs.). *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p.55-63.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. *Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed. México: UNAM, 2005.

MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MEIRA, Mirela R. (2007) *Metamorfoses Pedagógicas do Sensível e suas Possibilidades em "Oficinas de Criação Coletiva"*. 157 f. Tese. (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.